



UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O PROCESSO EDUCACIONAL DA SEXUALIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA¹

Tacimira Ferreira Cardoso

Graduanda em Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará

tacimiracardoso@gmail.com

Resumo

Atualmente o deficiente vem ganhando destaque em pesquisas por conta das lutas por seus direitos e sua autonomia e provocando inúmeras discussões sobre as questões relacionadas a sua sexualidade, porém, sabemos que a luta para se desconstruir a concepção de que o deficiente físico é frágil e assexuado ainda é constante. Uma vez que, grande parte da sociedade inclusive a própria deficiência, ainda crer que é duro falar sobre sexo e sexualidade do deficiente já que para muitos erroneamente o deficiente é frágil e deve ser privado de determinados assuntos que podem machucá-los. Essa concepção se dá porque historicamente a sexualidade do deficiente físico é tomada pela sociedade de forma complexa, as pessoas ainda os tratam como crianças e não lhes apresentam as mesmas orientações que são oferecidas aos não deficientes e por consequência os privam de entender uma serie de desejos e transformações que seu corpo pode sentir.

Palavras-Chave: Deficiência Física. Sexualidade. Educação.

Introdução

A sexualidade da pessoa com deficiência ainda é um grande tabu para a sociedade, pois o deficiente não é visto como alguém que possui desejos sexuais e sensualidade para relacionar-se amorosa e afetivamente com alguém. Um problema marcado pela história do deficiente, por conta do preconceito e da discriminação que essas pessoas vêm sofrendo ao longo dos anos devido a errônea crença de que o deficiente era castigo de Deus e que por isso deveria ser em muitas ocasiões da história sacrificado.

Atualmente a pessoa com deficiência física, vem ganhando destaque em pesquisas e provocando inúmeras discussões e reflexões sobre várias questões relacionadas sobretudo a sua sexualidade, pois a luta para se desconstruir a concepção de que o deficiente físico é frágil e assexuado ainda é árdua e constante. Uma vez que, grande parte da sociedade inclusive a própria pessoa portadora de deficiência ainda crer que é duro trabalhar e falar sobre sexo e sexualidade do deficiente, já que para muitos erroneamente o deficiente é frágil e deve ser privado de determinados assuntos que podem machuca-los.

Essa concepção se dá porque historicamente a sexualidade do deficiente físico é tomada pela sociedade de forma bastante complexa, as pessoas em geral ainda os tratam como crianças e não lhes apresentam as mesmas orientações que são dadas aos não deficientes na adolescência, por

¹ Trabalho originado do projeto de pesquisa.



consequência os privam e adiam entendimento de uma série de desejos e transformações que seu corpo pode sentir. Isso implica em variados problemas que vão desde a não aceitação do corpo deficiente que a pessoa com deficiência possui até suas relações psicossociais. Nesse sentido Certeza (2013) afirma que, é fundamental que a pessoa com deficiência possa reconhecer sua sexualidade desde a adolescência. É justamente em decorrência deste auto reconhecimento que o outro passará a enxergá-lo com este atributo e como uma possibilidade amorosa.

Visto que o deficiente físico não é tão frágil como as pessoas acham, pretendo discorrer ao longo deste estudo, de um ponto de vista teórico, a necessidade de se trabalhar a sexualidade da pessoa com deficiência não só com o próprio deficiente, mas também com toda a sociedade, para que de alguma forma se tenha um olhar mais crítico com relação a este assunto que é pouco discutido, cheio de preconceitos, dúvidas e curiosidades.

Deficiência, preconceito e educação sexual

Falar sobre a sexualidade, sobretudo das pessoas com deficiência física implica no conhecimento psicosexual da especificidade dessa deficiência, pois a falta do devido conhecimento é o fator principal que faz com que o deficiente físico seja entendido pela maioria das pessoas como alguém que não possui vida sexual ativa, sendo assim rotulado como assexuado. Nesse sentido, não é comum questionar sobre a sexualidade do portador de deficiência, pois para muitos ela nem existe, esta ideia se dá por conta da limitada definição que as pessoas em geral possuem sobre a sexualidade, além do fato de supor que o deficiente não apresenta as mesmas necessidades, desejos, erotismo, sensualidade e capacidade reprodutiva que os sem deficiência apresentam.

Quando uma pessoa com deficiência, diz que mantém relações sexuais, em geral, podemos reagir com desconfiança ou pena. Primeiro, por duvidar que alguém possa sentir atração por ela: é mais provável que esteja se aproveitando ou obtendo alguma vantagem. Segundo, por supor que ela esteja fantasiando ou mentindo. Lamentamos, então, a impotência humana diante das fatalidades que atravessam nossas vidas! Como o novo sempre nos assusta, procuramos nos vincular ao já conhecido. E, assim, buscamos refúgio nas imagens que a sociedade, geralmente, nos apresenta tanto da sexualidade (**sexy** é quem exhibe um corpo perfeito e simétrico, segundo os padrões de beleza e estética da mídia); quanto das pessoas com deficiência (alguém que erroneamente supomos ser ‘imperfeito’, ‘incapaz’, ‘frágil’, e que não pode fazer parte da sociedade dita ‘normal’). O resultado é um misto de muita alienação, desinformação e preconceito. (CERTEZA, 2013).

Dessa forma, é notável que a sociedade ainda crer no mito de que a sexualidade da pessoa com deficiência é problemática e difícil de se trabalhar tanto no âmbito familiar quanto dentro da própria escola (que por sua vez é um ambiente privilegiado para se trabalhar essas questões), pois



dificilmente se acredita que o deficiente físico possa sentir prazer ou relacionar-se amorosa e sexualmente, casar e formar uma família com alguém.

Uma das maiores dificuldades de aceitar, entender e trabalhar a sexualidade da pessoa com deficiência, é o fato de que as pessoas se atentam somente para o sexo em si e esquecem que a sexualidade tem um conceito muito mais amplo sendo inerente ao ato sexual. Desse modo, devido a pessoa com deficiência fugir ao padrão de normalidade e de perfeição impostos pela própria sociedade é que são atribuídos a elas tabus, crenças, mitos e concepções com relação a proibição da procriação e do prazer no ato sexual, não se leva em consideração a capacidade que o deficiente físico possui de amar e ser amado, de sentir prazer e de proporcionar prazer ao outro, não se acredita no erotismo que o deficiente possui que inclusive é intrínseco ao ser humano e mantido sob qualquer que seja as condições de limitação existente.

Muitas pessoas, com diferentes deficiências ou não-deficientes, crescem desprovidas de informações sobre sexo, mergulhadas em um processo de educação sexual deficitário e inadequado e carentes de experiências erótico-afetivas na infância e na adolescência. Maia (2006, p. 34).

Sendo assim, é notável que os aspectos que limitam o deficiente não estão na deficiência em si, estão nas barreiras psicossociais que eles apresentam, derivados do isolamento social por conta do tédio e de suas restrições físicas, da insegurança principalmente na hora de tomar uma atitude e convidar alguém para sair, do medo da rejeição, da insatisfação com o corpo e a falta de educação sexual tanto na infância quanto na adolescência, pois é nesse período que é preciso entender como ocorre o desenvolvimento da sexualidade de qualquer pessoa.

Infelizmente, por desinformação os pais e profissionais da educação ainda possuem uma noção de deficiência impregnada pela concepção de que o portador de deficiência física é assexuado e não levam em consideração que o deficiente possui sim sensibilidade, desejos e capacidades sexuais, correspondentes aos das pessoas sem deficiência. Não se leva em consideração que o deficiente físico é capaz de analisar e expressar sua opinião sobre sua vida sexual, desejos e sentimentos.

Corpo, sexualidade e deficiência física

O corpo é a representação de normalidade imposto pela sociedade como padrão social e cultural, sendo assim, qualquer alteração notável de sua aparência implica em olhares de compaixão e em seguida de questionamentos inevitavelmente sobre a sexualidade que aquele corpo deficiente possui. O desenvolvimento da sexualidade se dá através do modo de como o próprio portador de deficiência se enxerga e como ele percebe que o outro o enxerga, pois, a sexualidade se constrói e é



expressada no corpo que a pessoa tem em mente, um corpo simbólico, embora as sensações de prazer sejam sentidas no corpo material. O corpo em determinados momentos torna-se um grande obstáculo para que o deficiente físico tenha contato com sua sexualidade, pois a pessoa com deficiência física passa por longos períodos de intervenções médicas e fisioterápicas que não colaboram em nada para o desenvolvimento da sua sexualidade, pelo contrário apontam o que há de errado e o que é preciso corrigir, desconstruindo toda a idealização do corpo simbólico que o deficiente tem em mente e consequentemente afetando o psicológico dessa pessoa, nesse sentido, a tendência é não se achar atraente, duvidar que seja alvo do desejo do outro e supor ser incapaz de relacionar-se com outra pessoa.

Dentro do conceito amplo de sexualidade, a imagem corporal é sem dúvida um aspecto importante na construção da identidade pessoal, da identidade sexual, da autoestima e da capacidade de auto aceitação perante um grupo social. Por isso, para entender a relação entre sexualidade e deficiência física é preciso refletir sobre a imagem corporal. (MAIA, 2006, p.175).

A negação da sexualidade do portador de deficiência física se dá por conta de uma visão fragmentada de corpo imperfeito, visto que a mídia impõe para a sociedade um corpo perfeito e simétrico como padrão de beleza. Um corpo com deficiência física visível muitas vezes causa o afastamento de alguém com um suposto interesse em uma pessoa portadora de deficiência, pois a estética do corpo é o primeiro requisito observado no momento de aproximação entre duas pessoas para uma possível relação afetivo-sexual.

Esta posição implica na geração de preconceito não só da parte de pessoas não-deficientes como também do próprio deficiente com relação ao sexo e a sexualidade, nesse sentido as pessoas em geral incorporam os mitos de improdutividade e assexualidade e os reproduzem nas suas relações familiares e interpessoais.

Nesse cenário o deficiente físico acaba aderindo para si a falsa incapacidade de praticar certas posições na hora do ato sexual, achando que a falta dos movimentos vai fazer com que o/a parceiro/a não se sinta atraído/a por aquele corpo deficiente. Dessa forma, o deficiente físico acaba por apresentar um bloqueio emocional com relação a sua imagem corporal que está diretamente ligado às dificuldades de socialização e de construção de uma identidade social, por conta da insegurança que essa pessoa adquire ao longo de sua vida, do medo de não ser aceito e da falsa crença de que jamais poderá manter um relacionamento sem interesses materiais.

A pessoa portadora de deficiência física assim como qualquer pessoa sem deficiência e ao contrário do que muitos pensam, sentem desejos e prazer. Além de poder relacionar-se tranquilamente com outra pessoa, mesmo podendo apresentar possíveis limitações durante a manifestação da sua



sexualidade que do ponto de vista orgânico complica o desenvolvimento dessa sexualidade, porém o problema maior do desenvolvimento da sexualidade é de origem psicossocial.

Na maioria das vezes os aspectos limitadores estão nas barreiras psicológicas que deriva da deficiência física, como por exemplo, a insatisfação com o corpo deficiente, a insegurança e a baixa autoestima. Segundo afirma Maia (2006, p.213) “Uma identidade corporal adequada passa pela autoaceitação do deficiente de modo que, apesar da deficiência, ele não se prive de relacionamentos afetivos, sexuais, de prazer, do conhecimento das necessidades de dar e receber amor, desejo, erotismo etc.”

Considerações finais

Tanto a escola quanto a família querendo ou não, irão se deparar com as manifestações da sexualidade que qualquer pessoa independente ser portadora de uma deficiência ou não, as quais terão que intervir de maneira sutil, visto que entre pais e profissionais o deficiente fica a margem, pois os pais por não saberem como tratar deste assunto com os filhos ainda infantilizados por eles, acabam jogando a responsabilidade do processo de educação sexual de seus filhos para os professores que muitas das vezes também os tratam como crianças e esquecem que eles possuem anseios sexuais próprios e acabam associando a sexualidade à noção de genitália, de sexo e prevenção somente, não tendo a mínima ideia de como promover uma educação sexual adequada para a pessoa portadora de deficiência.

Por mais que atualmente as questões relacionadas a sexualidade do deficiente em geral venha ganhando destaque em estudos, é comum observamos nos espaços escolares profissionais com a concepção de que a sexualidade da pessoa portadora de deficiência é problemática, ainda há uma certa carência de informações sobre este assunto. E acima de tudo muita dificuldade em falar de sexo e sexualidade humana com adolescentes em especial com os portadores de deficiência, o ideal seria que eles tivessem contato com uma educação sexual adequada e pudessem manifestar suas dúvidas e questionamentos sobre este assunto normalmente desde a infância. O que não acontece por que a falta de informação e o preconceito aprisionam o deficiente em seus próprios pensamentos e a vergonha de demonstrar seus anseios e desejos acaba impedido que isso aconteça no momento certo tonando-se um evento tardio.

O maior problema da sexualidade da pessoa com deficiência física não está na sua incapacidade ou limitação biológica, e sim em um conjunto de fatores que vai desde o preconceito com relação à representação de seu corpo muitas das vezes indesejado por conta da deficiência, dos



tabus e das falsas crenças, até às barreias psicossociais promovidas pela desinformação das pessoas em geral.

Vale ressaltar que uma educação de qualidade voltada para a sexualidade das pessoas com deficiência física deve colocá-las em primeiro plano, considerá-las enquanto pessoas dotadas de habilidades e individualidades, por tanto a respeito das possíveis limitações existentes que de fato não implicam na falta de sexualidade que por sua vez se manifesta em qualquer ser humano, é significativo entender que o modo como ocorrerá o desenvolvimento educacional da sexualidade na infância e na adolescência do deficiente físico é que vai determinar suas características no seu processo de manifestação na vida adulta.

Além de todos os aspectos já apontados ao logo deste artigo, friso novamente que nenhuma deficiência impede as pessoas de manifestarem sua sexualidade, a limitação do deficiente físico está no preconceito de quem o julga incapaz de amar e ser amado, de proporcionar e sentir prazer ao relacionar-se com alguém. É preciso conhecer a realidade e as necessidades oriundas da pessoa com deficiência, as dificuldades enfrentadas pelos familiares e profissionais que convivem com essas pessoas no dia a dia para que a partir de cada especificidade se possa articular uma forma adequada e socialmente segura de se trabalhar a manifestação da sexualidade de acordo com cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

CERTEZA, Leandra Migotto. **A sexualidade da pessoa com deficiência. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência** – SEDPCD/Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.7, n.1, 2001.

_____. **Inclusão e sexualidade**: Na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.

_____. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PALIARIN, Franciely. Sexualidade e deficiências: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas. **Dissertação de Mestrado**. Araquara, 2015.

PINEL, A.C. A restauração da Vênus de Milo: dos mitos à realidade sexual da pessoa deficiente. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **Educação sexual**: novas ideias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 310.